

# A MENSURAÇÃO DE SUJEITOS FLUÍDOS E PROVISÓRIOS

## QUEER METHODS AND METHODOLOGIES

### **Intersecting Queer Theories and Social Science Research**

Edited by Kath Browne e Catherine J. Nash

Ashgate e.book 2011

Farnham/UK, Burlington US

**Loreley Garcia<sup>1</sup>**

Browne e Nash perceberam uma imensa lacuna na teoria *queer* no uso de métodos e metodologias de pesquisa. Neste livro, não só desafiam associar a disformidade do *queer* às metodologias das Ciências Sociais estabelecidas, como também descrevem as experiências tensas e as ansiedades dos que se propõem a construir esta conexão.

Se no pensamento *queer* os sujeitos e subjetividades são fluídos, instáveis e se fazem continuamente, como coletar dados utilizando os métodos costumeiros, como entrevistas e questionários?

O *Queer* se apresenta como método e, ao mesmo tempo, se pretende um modo de engajamento teórico ou conceitual. O esforço dessa obra está em colocá-lo no contexto de outras metodologias como conjunto de princípios logicamente organizados que agregam a perspectiva ontológica e epistemológica aos métodos utilizados na coleta de dados.

No campo das Humanidades, a metodologia *queer* desafia o sujeito moderno concebido pelo Iluminismo: racional, unificado e estável. Os teóricos da pós-modernidade colocam em questão a universalidade da condição humana e a linearidade da história progressista, porque seriam artificiais, improváveis e homogêneas, logo, incompatíveis com a multiplicidade e a complexidade da experiência humana.

Na genealogia da teoria *queer* há um desacordo em relação aos débitos com a filosofia, *women's studies* e estudos *gays* e lésbicos, o feminismo da Segunda Onda e pós-modernismo. Contudo, a teoria *queer* contemporânea dialoga com incontáveis correntes de pensamento, mantendo uma intersecção com *designs* das pesquisas e a produção de conhecimento nas Ciências Sociais.

Inova-se ao desafiar a ordem social normativa das identidades e subjetividades, o binarismo hetero/homossexual e o privilégio conferido à heterossexualidade, colocando a homossexualidade como um outro, desviante. Para os teóricos, o entendimento normativo da sexualidade e do gênero centraliza os princípios organizadores da sociedade, das relações e instituições sociais, preservando a ordem hegemônica.

As pesquisas analisam experiências das minorias sexuais e de gênero, enquanto observam a

---

<sup>1</sup> Programa de Pós-Graduação em Sociologia/UFPB. Editora da Revista *Ártemis* e Líder do Grupo de Estudos de Gênero e Sexualidades Pandora.email:loreleygg@gmail.com

“queerização” das relações heterossexuais, os processos disciplinares e a concepção heterossexista profundamente imbricada nas Ciências Sociais.

Nem todos os teóricos *queer* partilham das tendências desconstrutivistas. Muitos adotam formas de identidades políticas provenientes da 2ª Onda feminista, movimentos *gay*, lésbico e transexual.

Neste livro, há uma recusa em definir o *queer*, permanecendo obscuro, fluido e múltiplo. Percebe-se a impossibilidade de colocar fronteiras no significado, em toda sua extensão e profundidade. Recusa-se a definição ortodoxa, a forma “correta” de engajamento como essencialista, ultrapassada, simplista e subteorizada.

Manter a posição não normativa requer a permanência do instável e disforme na representação da identidade sexual. Não é uma tarefa acadêmica fácil manter as contingências *queer* e as regras do rigor específico, clareza e confiabilidade dos dados. Não estamos diante de um guia técnico para *design* de pesquisas, mas da intersecção entre os métodos de pesquisa e a teoria *queer*.

A pesquisa *queer* busca a compreensão que constitui e desestabiliza a pesquisa convencional, alterando as esferas fundacionais das identidades, do social e as conceitualizações de realidade que a ciência social investiga, no interior de contextos anti-identitários na epistemologia *queer*.

A pesquisa *queer* recusa qualquer cânone ou corrente de pesquisa social, traz inovações metodológicas e teóricas nascidas da combinação de teorias desenvolvidas em contextos particulares e os conceitos e técnicas de pesquisa inseridos em contextos culturais e espaciais.

Trata-se de um tipo de pesquisa que comporta discussões sociológicas, antropológicas, estudos de gênero entre outras abordagens disciplinares. A diversidade dos colaboradores não estabelece uma unidade ou ortodoxia ao acoplar a teoria *queer* aos métodos de pesquisa nas Ciências Sociais, pois os capítulos articulam-se a partir da centralidade da teoria na pesquisa em Ciências Sociais.

Alison Rooke, da University of London, em “*Queer in the field: on emotions, temporality and performativity in ethnography*”, discute a crítica da teoria ao textualismo e à conexão da sociologia com o método científico. A “perspectiva *queer* sociológica e etnográfica” considera a subjetividade sexual na etnografia *queer* nas realidades vivas, nas normatividades hétero e homo, para produzir uma etnografia convincente e necessária sobre identidades lésbicas e subjetividades sexuais negociadas e sempre reformatadas.

A abordagem reflexiva entende o campo com limites fluidos e flexíveis, o etnógrafo interconectado com a emoção para reconhecer identidades e subjetividades. Os silêncios da etnografia e da reflexividade se revelam e desvendam o conhecimento erótico durante a produção do conhecimento.

Jamie Heckert, pesquisador independente, em “*Intimacy with strangers/intimacy with self: queer experiences of social research*”, explora o “re-fazer” da pesquisa através do conto sobre “tornar-se *queer*” no processo de pesquisa, experiência ligada ao desejo de explorar formas de anarquismo metodológico.

Partilhando histórias rizomaticamente interconectadas, formula a “queerização” da metodologia para além dos padrões normativos

da performance de sexo/gênero, pois o indivíduo aparece como “multiplicidade interconectada a outras” (48).

Em “*Queer and gendered: queering the Latina/o ‘street-scapes’ in Los Angeles*”, Lorena Munoz, da Westfield State University, reflete sobre as instabilidades do pesquisador e do pesquisado e a natureza mutável do campo durante investigações sobre “brancura”. Refletindo sobre os pressupostos dos pesquisadores no campo e sobre a abordagem metodológica *queer*, apresenta campos de investigação inesperados. Explora a experiência das latinas vendedoras de rua, em Los Angeles, com o emprego da metodologia “pessoas *queer* de cor”, que lhe permitiu deslizar através das posições desses sujeitos e investigar a intersecção entre identidade *queer* e *Chicana*. Assim, “permitiu a reconfiguração das construções metodológicas fluidas racializadas, sexualizadas e gendradas no campo” (58), dando visibilidade ao invisível.

Yvette Taylor, da University London South Bank, em “*The ‘outness’ of queer: class and sexual intersections*”, chama a atenção para a pesquisa *queer* dirigida aos privilegiados socioeconômicos que negligenciam questionamentos de classe. Nota que a propalada habilidade *queer* em assimilar e transgredir os limites normativos não está disponível para todos. Destaca as metodologias implantadas por/para/com os *queers* (69), de modo a excluir ou invisibilizar certos tipos de vida. Defende a reorientação das metodologias *queer* e propõe uma investigação crítica dos silêncios dos que estão abaixo da classe média.

Demonstra a possibilidade da fluidez *queer* limitada aos carentes de recursos para romper ou transgredir o sistema. Aqui, as metodologias

*queer* lidam com capacidades e limitações de intersecção sexual e normatividade entre classes, revelando como algumas vidas “podem não ser *queer* de fato” (83).

Andrew King e Ann Cronin, da University of Surrey, em “*Queer methods and queer practices: re-examining the identities of older lesbian, gay, bisexual adults*”, analisam o uso do termo LGB nas políticas públicas para idosos no Reino Unido. O uso acrítico falha ao reconhecer a contingência das identidades sexuais que se recusam a estarem contidas nessas categorias. Entender como os idosos refletem sobre experiências no curso de suas vidas requer repensar a fluidez e a incoerência dessas experiências. Categorias como velhas lésbicas, homens *gays* e adultos bissexuais são repensadas sob o argumento de que as identidades são políticas, pois se reproduzem como transgressão das normas hegemônicas.

Em “*Queer(ing) communication in research relationships: a conversation about subjectivities, methodologies and ethics*”, Andrew Gorman-Murray, Lynda Johnson e Gordon Waitt, School of Earth and Environmental Sciences, da University of Wollongong, Austrália, indagam sobre a “queerness” de métodos de pesquisa baseados em entrevistas realizadas nas comunidades de minorias sexuais em Aotearoa – Nova Zelândia e Austrália. Optaram pelo uso da conversa para penetrar nas questões internas e suas implicações na subjetividade sexual nesses assentamentos. Para eles, trata-se de “um contexto de pesquisa *queer*”, no qual é preciso permitir as subjetividades emergirem, reparar na zona de silêncio *queer*, ou “a constelação fraturada das etnicidade-sexualidade nas identidades híbridas desdobradas nos assentamentos pós-coloniais” (107).

A dimensão *queer* no campo e no processo de pesquisa é discutida por Michael Connors Jackman, da York University, em “*The trouble with fieldwork: queering methodologies*”. As variadas formas de literatura e análises textuais encontradas nos trabalhos sobre a teoria colocam em xeque suposições antropológicas tradicionais sobre o “campo”.

O autor questiona os binarismos aqui/lá, campo/academia e os pressupostos sobre o campo. Analisando eles/nós, o dualismo entre pesquisadores/investigados, problematiza os “desejos dinâmicos” na atuação em “campo” e a revelação dos “detalhes íntimos”. Assim, reconsidera o papel do desejo do acadêmico tradicional na sua (des)conexão emocional, sexual e erótica imposta pelo trabalho de pesquisa. Pois, se o uso da etnografia é importante para os estudos *queer*, é preciso desmontar a heterossexualidade inerente ao campo em favor de uma ampla gama de conceitos, incluindo a ideia do público *queer*.

Catherine J. Nash, da Brock University Ontario, em “*Queer conversations: old-time lesbians, transmen and the politics of queer research*”, explora a natureza mutável das relações interiores/exteriores e a natureza instável do “campo”. Expõe a pesquisa realizada com homens transexuais, discorrendo sobre o cotidiano no espaço LGBTQ em Toronto. Aborda as instabilidades na posição do sujeito de pesquisa, inesperadamente ocorridas durante a entrevista. Destaca a importância da espacialidade no processo de pesquisa e alerta para estar atento às especificidades históricas e culturais nos espaços políticos e sociais *queer* e LGBTQ dos homens transexuais.

Ulrika Dahl, da Södertörn University College em Estocolmo, em “*Femme on femme:*

*reflections on collaborative methods and queer femme-inist ethnography*”, relata uma pesquisa com “femmes” na defesa do uso da etnografia feminista *queer*. Propõe o modelo participação/risco/aposta na pesquisa etnográfica. Estudou a vida e experiências “femmes”, aspecto negligenciado nos debates, atribuindo um caráter *femme-nista* e reestruturando o significado da feminilidade. Questionando a dicotomia casa/rua que estrutura o campo, altera as hierarquias da pesquisa acadêmica e apela à crítica antinormativa no processo de pesquisa. Utilizando temas como anonimidade, identidade/igualdade no interior da *femme-nidade*, sugere a realização da etnografia *queer* sob a forma de um compromisso com a “irmandade” que cria uma comunidade através da pesquisa.

Em “*Queer(y)ing the ethics of research methods: towards a politics of intimacy in researcher/researched relations*”, Mathias Detamore, da University of Kentucky, propõe a expansão da política de intimidade e coloca questões éticas no centro da pesquisa *queer* em Ciências Sociais. Vê o processo de pesquisa arriscado, íntimo e inovador, que promove novas possibilidades de abordagens através do método ético *queer*. Para ele, a negociação nas relações de pesquisa não atua fora do social e do pessoal. Os pesquisadores são afetados pelas relações de afinidade, criam vulnerabilidades mutualmente enredadas que podem “moldar novas construções éticas que transformem e formatem mundos sociais alternativos” (168). Apela para a “perseverança sóbria” no uso da ética como instrumento metodológico.

Mark Graham, da Universidade de Estocolmo, em “*Method matters: ethnography and materiality*”, observa o surgimento do

objeto de pesquisa. Propõe a reconsideração da materialidade da “coisa/objeto” a partir de combinações inusuais sobre feminismo, mecânica quântica e teoria *queer*, pós-estruturalismo e filosofia da ciência, e um método mais “universal” para abranger a tríade sexualidade-gênero-sexo incidindo sobre o indivíduo de forma indeterminada e disponível a recortes alternativos (192).

Stacey Holman-Jones, da California State University, e Tony Adams, da Northeastern Illinois University, entrecruzam o papel da autoetnografia na construção do “conhecimento da sujeição” e as histórias triviais em “*Autoethnography is a queer method*”. Interliga poesia e prosa, realiza uma autoetnografia performática, na qual o fazer-se *queer* é processo ativo. A autoetnografia *queer* possibilita o autoentendimento relacional não restrito aos limites categoriais, transforma e liberta, reconhece e abarca a fluidez e a contingência *queer*, desenrolando outras formas de ser no mundo.

Tom Boellstroff, University of California, Irvine, em “*Queer techne: two theses on methodology and queer studies*”, considera a

natureza relacional e interligada do triângulo “dado-teoria-método” e a relação entre a teoria e o dado como problemas metodológicos. Discute a “valência *queer*” no trabalho etnográfico realizado na Indonésia, além do mundo virtual em Second Life. A metodologia *queer* “surfa nos binarismos”<sup>2</sup>, ou reconhece “a eficácia do êmico social e a heurística dos binarismos de poder sem ontologizar ahistoricamente as forças vivas sociais onipresente” (223).

Em “*Queer quantification or queer(y)ing quantification: creating lesbian, gay, bisexual or heterosexual citizens through governmental social research*”, Kath Browne, da School of the Environment at the University of Brighton, distingue métodos e metodologias qualitativas e quantitativas e as dificuldades percebidas na contabilização dos sujeitos *queer*. Observa a falta de engajamento crítico no modo quantitativo de conhecimento *queer* e o confuso processo de quantificação das sexualidades, a partir de uma pesquisa governamental, realizada na Inglaterra e País de Gales, sobre a questão sexual.

---

<sup>2</sup> Arrebrantar os binarismos.